4.º ANO — LISBOA—QUINTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1925 — N.º 1222

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º / Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 / Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

CONFIRMARAM-SE em absoluto as nossas informações dadas em primeira mão sobre a não ida do sr. Portugal Durão para Angola. Diz se agora, e nós apenas registamos o boato, que quem mais entravou a ida para Angola do sr. Portugal Durão foi o proprio ministro das Colonias.

Afirma-se agora que a pessoa mais indicada para substituir, segundo os seus proprios desejos, o sr. Portugal-Durão, é... o sr. ministro das Colonias.

Se assim fôr, o sr. Correia da Silva será o proximo Alto Comissario de Angola.

Será para resolver este caso que amanhã ha conselho de ministros? Talvez. E havia até quem hoje dissesse que tudo está bem se bem termina e que a vaga do sr. Correia da Silva será preenchida pelo sr. Mariano Martins, que assim não iria para a India e nomearia para lá o antigo candidato, sr. dr. João Camoesas.

Como o leitor está vendo, estamos em pleno jôgo do xadrês, não sendo possivel afirmar, desde já, qual dos jogadores apanhará *cheque-matte*.

* * *

A CASA Aillaud e Bertrand, que tem assinalado ultimamente os maiores exitos da produção literaria e mental portuguesa, continua a manter, a relativa baixo preço, o mercado do livro estrangeiro. A importante casa editora, sem duvida o mais importante do país, está estudando, por uma maneira eficaz, o processo de colocar no Brasil, e mesmo nas colonias, os livros portugueses seus editados ou não, em termos de os nossos autores não sofrerem os efeitos da concorrencia estrangeira, incluindo a brasileira.

Sem esforço de simpatia — que a casa Aillaud aliás merece — pode assinalar-se o esforço produzido por esta casa editoral e livreira a um tempo a favor da cultura scientifica, através o livro de fóra, e a favor da lingua e mentalidade portuguesa, através os nossos autores.

* * *

GIL Fernando, no seu livro de estreia—«Amargura», revela-se um poeta bem português—dos que descobrem nas palpitações do seu coração as leis do seu destino.

A tristesa que ensombra toda a nossa gente desabrocha em redondilhas melancolicas, de uma ternura infinita, em que Gil Fernando se reconhece captivo dum encanto sem nome, mas de prestigio inexcedivel.

* * *

UMA novidade politica. Vamos ter um novo semanario politico e de caricaturas. Chamar-se-ha *O Espectro* e será seu director politico o jornalista experimentado, de pulso rijo e lapis seguro que é Artur Leitão, e director artistico o nosso prezado colaborador Francisco Valença.

* * *

NO proximo domingo, o grupo de parlamentares que politicamente e dentro do P. R. P. gira á volta do sr. dr José Domingues dos Santos vai ao Algarve continuar, em Faro, a sua propaganda politica, auspiciosamente começada em Beja no domingo passado.

* * *

SOBRE o caso Camoesas-Mariano Martins, supomos poder afirmar que tudo se encontra no mesmo pé e que não houve ainda, ao contrario do que se fizeram eco alguns colegas nossos, qualquer deferencia especial, mantendo-se as coisas no mesmo pé em que ontem as colocámos.

INTERCAMBIO

Nos ultimos quatro anos têm-se acentuado, no campo das artes, um entendimento mais afectivo, entre portugueses e espanhois.

Não é preciso ser-se «iberico», e nem sequer se torna mister fazer referencia a iberismo ou a outras ideias, inoportunas e deslocadas na causa do labor artistico e mental, para se afirmar que Portugal e Espanha têm uma indole muito semelhante, sofrem e beneficiam dos mesmos impetos e dos mesmos entusiasmos, e que dentro da Peninsula, na esfera da beleza e do espirito, são muito pouco sensiveis as diferenças entre os dois povos. Indiscutivelmente, ha na peninsula dois caracteres distintos, que dão ás obras de arte e do pensamento originalidade e força proprias, uma e outra reforçando o interesse especulativo e dinamico das criações.

Mas o genio peninsular, se diverge, como em dois irmãos, de feitios aparentemente opostos, de educações diversas e diversos costumes, em muito se iguala, quando não completa.

As ultimas manifestações de intercambio academico, scientifico, literario, artistico, teatral, desportivo, tão nobremente acarinhadas e até inspiradas pelos Ministros D. Alejandro Padilla e Melo Barreto, são consoladoras para todas as pessoas que não vivem unicamente sob a influencia causticante e sorna da politica.

«Começamos a conhecer-nos uns aos outros»—diz-se. E' certo. Mas já é alguma coisa que portugueses e espanhois, embora desconhecendo-se pessoalmente, se dêm conta da obra, de acção, das espressões e dos sonhos dos homens de espirito e sentimento de beleza dos dois paises.

A este respeito é muito significativa a missão que trouxe a Portugal dois directores da Sociedade de Autores Dramaticos Espanhois, a quem os seus colegas portugueses tem prestado venia e reconhecido o duplo interesse do seu objectivo.

Oxalá que em todas as esferas de actividade mental e plastica continue este esforço, encaminhando-se num sentido vital, de modo que quando ámanhã acabe o esforço isolado de trés ou quatro individualidades—a obra realizada já caminhe por si propria.—X.

TERMINOU

a viagem aerea

Lisboa-Guiné

Hoje, durante o dia, houve grande ansiedade por noticias dos bravos aviadores capitão Pinheiro Correia, tenente Sergio da Silva e mecanico Manuel Antonio, que estão realizando a arrojada viagem aerea Lisboa-Guiné.

O «Breguet 15», que ante-ontem aterrara no campo de aviação francês de Saint Louis, no Senegal, devia ter partido ontem para a penultima «étape» Saint-Louis-Dakar. Mas, de manhã, os bravos aviadores, ao tentarem descolar, verificaram que o motor não «pegava».

Imediatamente, o mecanico Manuel Antonio fez uma vistoria ao motor. E como notasse que uma das peças estava avariada, esteve-o beneficiando, enquanto os dois oficiais iam a Dakar ao Comando da Aviação Francesa, buscar uma nova peça e saber informações para a conclusão da viagem.

Ontem á noite regressaram a Saint-Louis, e esta manhã, reparado o motor, o *Breguet 15* levantou vôo.

A CHEGADA A BOLAMA

Durante o dia de hoje houve grande ansiedade por noticias dos arrojados aviadores.

Finalmente, ás 18,30, na Central Telegrafica, recebia-se o seguinte telegrama:

BOLAMA, 2, ás 16,30.—Aterragem normal em Bolama ás 15,25.

Pinheiro Correia, capitão aviador

A seguir publicamos o mapa das «étapes» cobertas:

Etapa	Distancia	Tempo
Dia 27—Amadora-Casablanca	600 quil.	em 6 h.
» 28—Casablanca-Agadir	400 »	» 6,23
» 29—Agadir-Cabo Juby	500 »	» 5
» 30—Cabo Juby-Vila Cisneros	700 »	» 3,45
» 31—Vila Cisneros-Saint Louis	800 »	» 6,30
» 2—Saint-Louis-Bolama	830 »	» 6,15
	3830	33,53

EM Paris, um desconhecido atirou-se duma das torres de *Notre Dame*, ficando, ao cair no chão, convertido numa massa sem forma humana.

Não foi possivel encontrar nele qualquer documento ou indicação que permita estabelecer a sua identidade.

Trata-se, portanto, dum homem que, suicidando-se, quiz realmente *acabar consigo*.

Na ocasião em que muitos viajantes admiravam junto dele o panorama de Paris, que se disfruta das torres de «Notre Dame», cerrou os olhos e deaceu para o Nada. Por um instante, o corpo prendeu-se-lhe numa gargula.

Que pensou ele, que viu ele, então?

Seria um «cliché» excepcional o que fixasse esse relampago do seu assombro.

* * *

RAFAEL Bordalo Pinheiro foi um artista admiravel e os seus trabalhos são hoje disputados pelo melhor preço. Deixou em Francisco Elias um continuador digno de ser apreciado. As suas miniaturas em barro são modelares. Brevemente serão expostos em Lisboa os seus trabalhos reproduzidos em cobre, e graças aos esforços dos srs. Perfeito de Magalhães e Martins Pereira, que encontraram, a ajudal-os n'essa bela tarefa artistica, um eximio cinzelador.

Entre as obras a expor, figuram scenas do Calvario e interpretações do *D. Quichote*, de Cervantes.

* * *

MOTTA Cabral, vigoroso autor do «Ao Sol» entendeu fazer, desassombradamente, a interpretação da arte de D. Antonio Cañero. A sua publicação é ditada unicamente pelo culto que merece a verdade quando escrita sem intuitos de publicidade, da qual não carece a segunda apresentação do «sportman» espanhol.

Por conveniencia de paginação o artigo vem hoje publicado na 2.ª pagina.

* * *

O PARLAMENTO, graças á intervenção oportuna do sr. Santos Garcia, resolveu proteger as muralhas de Evora contra o municipio que se preparava para as vender.

E' o primeiro passo para a sua conservação, mas nao é tudo.

Estará o municipio disposto a consagrar a verba necessaria para manter, na sua sagrada robustez, tão belas reliquias dum passado de glorias?

* * *

A REVISTA «Modas e Bordados», dirigida actualmente por D. Carolina Homem Christo Rocha, apresenta no seu ultimo numero um novo aspecto, digno de captar-lhe muitas e constantes simpatias.

Tudo o que interessa á mulher—passatempo futil, capricho ligeiro ou problema serio—encontra eco nas suas paginas, tocadas agora por um fulgôr de modernismo.

* * *

REALISA-SE no sabado, ás 21 horas, nas salas da Liga Naval, uma festa a favor do *Foyer de Institutrices Françaises*, sob a presidencia de honra de Madame Pralon, ilustre ministra de França.

* * *

PARTIRAM ontem á noite para Sevilha, onde vão passar a Semana Santa, as sr.as D. Olga de Morais Sarmento e D. Virginia Vitorino.

Uma carta

Os escriptores novos

Do nosso amigo e colaborador sr. dr. Augusto de Esaguy, recebemos a seguinte carta:

Meu querido Alvaro: — Li ontem o «suelto» sobre o jornal, 1.º suplemento da «Contemporanea» e porque o «Diario de Lisboa», de quem sou muito amigo, não tem razão, escrevo-te para esclarecer o assunto. O José Pacheco, nosso amigo, pediu-me para escrever uma série de artigos sobre o movimento literario, cuja série foi iniciada no 1.º Suplemento, estando já a compôr o segundo.

Na pag. 3, 5.ª linha, cito o nosso camarada Alves Martins, autor da «Mulher de Bençam» e na linha 24 e 25 falo da «Filha de Lazaro», de Norberto Lopes e Chianca de Garcia; dois ilustres camaradas do «Diario de Lisboa»; um, o Alves Martins, poeta lirico e ensaista que o publico consagrou; o outro, um admiravel jornalista, cujas cronicas de Africa tenho acompanhado com justificado interesse e que são do melhor que, em jornalismo moderno, se tem escrito.

Não esqueci, meu caro Alvaro, o «Diario de Liboa»; propositadamente deixei para o 2.º artigo, o Fulgor das Cidades», do dr. Joaquim Manso, o «Tudo Amôr», do Artur Portela, «Sangue, Mocidade, Amor» do Felix Correia, «Dentro do Castigo», do Norberto de Araujo, porque o espaço era limitado e não pretendia silhuetá-los numa só frase. Porque não esqueci tambem, aproveito a ocasião desta carta para dizer-te que no artigo «Obra realizada», não vem nenhuma referencia ao Amerco Durão, autor do «Tantalo», admiravel livro de sonetos; Mario Domingues, camarada que admiro e estimo; Mota Cabral, porque o «Ao Sol», saiu depois do artigo impresso, etc., etc.

Pela lista dos que vêm no segundo artigo, o «Diario de Lisboa», a quem só devo gentilezas, não teve razão naquela parte do suelto em que sou atingido injustamente...

Pedindo-te a publicação desta carta, que traduz a expressão da verdade, envia-te um abraço o teu camarada e admirador,
Augusto de Esaguy.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21.30—«O Sinal de Alarme».
Nacional—A's 21.15—«O Abade Constantino».
Trindade—Não ha espectaculo.
S. Luis—A's 21—«Fato de Hotel».
Politeama—A's 21.30—«A Massarcea».
Avenida—A's 21.15—«En Sevilla está el amor» e «El Niño Judio».
Apolo—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios—A's 21—Companhia de circo.
Eden—A's 20,45—Variedades e animatografo.
Salão Foz—A's 20.45—Variedades e cinema.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli—Avenida da Liberdade.
Olimpia—Rua dos Condes—«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes—Avenida da Liberdade.
Salão Central—Praça do Restauradores
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente—A' Graça—Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris—Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora—Largo do Calvario.
Eden Cinema—Rua do Alvito.
Salão-Rocio—Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem—Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise—Campolide—Quartas, quintas, sabados e domingos.

TAUROMAQUIA

O toureio de Cañero visto por Motta Cabral

A apresentação em Lisboa do assombroso equitador cordovez D. Antonio Cañero provocou entre nós um equivoco que só de uma incompreensão do verdadeiro toureio resulta. O publico, a massa anonima de Portugal, não sente a arte de Cañero; da mesma fórma que o publico espanhol não vibra com o trabalho dos nossos cavaleiros: o povo vizinho educou-se a ver espectaculos de verdade, o nosso publico preverteu o gosto pelo habito de um epsisodio de opereta a que, impropriamente, todos ainda chamamos toirada.

Cañero, o cavaleiro mais extraordinario que entrou, até hoje, no redondel do Campo Pequeno, monta, apolineo e correcto, em cavalos de sangue, com um dominio absoluto da montada nobre e da féra que, sósinho, prepara para uma finalidade concreta — a morte.

Eis porque ao vê-lo entrar na liça, revigorado por uma elegancia mascula, me salta á memoria um gladiador romano, estilizado pelo corte impecavel da jaleca, a fazer re-

D. Antonio Cañero
na corrida de domingo ultimo
(de Almada)

saltar a arcaria do torax, na aparencia tranquila de lutador experimentado a quem o perigo não contraie um musculo da face, valente e desembaraçado, tendo posto o raciocinio ao serviço do toureio que creou e que não podia eficazmente ser doutro modo. Toureando toiros da casta, desembolados, destinados a morrer nas praças de arenas enormes, as suas aptidões de eximio cavaleiro levaram-no a dominar inteiramente cavalos de sangue, como os unicos capazes de aguentar um toiro de poder, em todos os estados que conduzem á preparação da morte que efectua sempre, a cavalo ou a pé.

Todas as fases da lide, que nas quadrilhas cabem ás varas dos picadores, aos capotes dos peões, ao «tercio» das bandarilhas, Cañero resume-as para efeitos de preparação, nos recursos das suas nobilissimas «jacas»: daí as saidas falsas, a poder de patas, substituindo os capotes, no sentido de tirar as pernas aos touros, os rojões de morte que lhes crava, a abrandar-lhes o poder e a acicatar-lhes a bravesa — sintese admiravel que a um homem, só, permite levar a efeito as cadencias de uma arte dividida por muitos e especializada nos elementos componentes de uma quadrilha. Cañero de ordinario está só na arena até ao fim. Eis porque o seu toureio não podia ser outro, num país onde se toureia a valer; e transportado para onde se toureia sem finalidade, com o embuste da embolação, provocou a estranhesa que pode oferecer um recanto do mar revolto a quem tenha visto apenas as superficie dos rios e dos lagos. A arte de Cañero não vem nos canones, é sua, e destina-se a provocar emoções ante um perigo aberto, iminente, com o estandarte da morte nas hastes afiadas, que o rojão ou o estoque abatem, na derrota completa do vencido...

Conhecedor, como raros, das manhas e regras de picaria, põe no combate requintes estranhos, nas belezas estatuarias da nobre arte de cavalgar. A nudez crua da tragedia mantela-se de brocados ricos nas scintilações fortes das atitudes plasticas que a alma dos artistas grava e aplaude, exaltando o que é verdadeiramente belo, porque é verdadeiramente forte, verdadeiramente sadio.

Vi Cañero tourear a serio em Badajoz, em Outubro; mal tolero as toiradas que, falsamente, se chamam portuguesas; sou apologista incondicional dos cavalos de sangue — motivo porque, no domingo, vi o toureio do grande cavaleiro, de um modo diferente da enorme maioria do publico que, á espera de um milagre (povo eternamente sebastianista!) encheu completamente a Praça do Campo Pequeno.

Motta Cabral.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Santar, D. Ludovina Requette Soares de Albergaria Diniz, D. Maria Manuela de Melo da Silveira, D. Geneveva de Melo Breyner, D. Adelaide Lusitana de Mendonça Furtado de Menezes e Pinto (Barbacena) e D. Maria de Lourdes Street Manuel (Atalaia).

E os srs.:

D. Nuno Severo de Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), dr. Macario de Castro, Vitorino de Avelar Froes, Jorge de Mendonça de Melo (Sabugosa), Frederico Figueira Freire Salinas, Artur Lobo de Campos e Ernesto Carlos da Silva.

—Faz hoje anos a senhora D. Filipa da Conceição Martins.

—Faz hoje anos a senhora D. Maria de Almeida da Mota Marques, esposa do nosso colega na imprensa sr. Carlos da Mota Marques.

A Caridade

«Adão e Eva»

Sob a direcção do actor empresario Armando de Vasconcelos, continuam todas as tardes no palco do São Luis, os ensaios de apuro da revista feerie «Adão e Eva» original do sr. dr. Francisco Pais de Sande e Castro, com musica do sr. Armando da Camara Rodrigues, que será representada por distintos amadores nas noites de 16 e 17 do corrente nesse teatro em recitas de caridade, cujo produto se destina varias obras de beneficencia.

As senhoras D. Eulalia Sales de Sande e Castro, baronesa de Hortega e D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), desempenham respectivamente os papeis de a primeira «Perola», «Dominó», «Maja», «Tonadilera» e «Varina»; a segunda «Walkiria», «Pipela», «Veneziana» e «Varina»; e terceira «Serpente» (comère).

Os ensaios musicais são dirigidos pelo maestro Henrique Cabral e os das danças pela professora do Conservatorio de Lisboa, Encarnacion Fernandes.

Concertos Rubinstein

Começamos em seguida a nota das pessoas que têm já bilhetes para os concertos de caridade que nas noites de 13 e 14 do corrente se realizam no teatro São Carlos, nos quais toma parte o celebre pianista Rubinstein:

Duqueza de Palmela, madame Satrustigui de Padilla, D. Livia Schindler Franco Castelo Branco, D. Maria José de Barros Belmarço, condessa de Proença-a-Velha, D. Maria Natalia Reis Torgal, D. Alice Munró dos Anjos, dr. Alvaro Reis Torgal, D. Luis da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), condessa do Calhariz, Antonio da Bandeira (Porto Covo), D. Berta Costa, D. Julieta Vaz Berneaud Alves, D. Maria Teresa de Lima Mayer, dr. Magalhães, madame Kelly, D. Maria José Borges de Medeiros do Espirito Santo, D. Matilde Rau, D. Maria Simões Anjos, D. Maria Manuela de Sousa Bastos, D. Eduarda Nunes de Carvalho, D. Maria da Conceição de Abreu Baptista, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Teresa Presserer Pinheiro Chagas, D. Rachel de Carvalho, D. Maria Teresa Iglesias Scarnichia, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Arcelina Moreira dos Santos, D. Halia da Silva Correia Leite, D. Arcelina Moreira dos Santos Medeiros, condessa de Arge, D. Berta Leite, D. Maria Amelia de Abreu Saraiva, Alvaro Reis, Rocha Leão, D. Marta Burgos, dr. Luis Macieira, D. Eugenia Bride Ornelas Bruges de Oliveira, condessa de Alferrarede, D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Luisa de Vasconcelos Cabral, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria Luisa Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, madame Fisewiten, conde de Anadia, Eduardo João Burnay, Armando da Camara Rodrigues, condessa de Carnide, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), etc., etc.

Casamentos

Pelo sr. José Monteiro e sua esposa a senhora D. Maria da Conceição Cristina Monteiro, foi pedida em casamento para seu filho, o sr. dr. José Antonio Cristiano Monteiro, advogado em Silves, a mão da senhora D. Maria Vitoria Palma Mira, gentil filha da senhora D. Maria Izabel Palma Mira e do sr. José Francisco de Mira.

O casamento deve realizar-se no proximo mez de maio.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a senhora D. Alice Rey Colaço Menano, esposa do sr. dr. Horacio Menano.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

Pontos de reunião

No «Tivoli»

Assistencia elegante ás sessões da moda de ante-ontem:

D. Maria Ana Portocarrero da Camara Mesquita e filhas, D. Eugenia de Ornelas Bruges de Oliveira, D. Rita de Sommer Pereira e filha, D. Sarah Burnay Paiva de Andrade, D. Maria Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, D. Ana Scott Maior de Macedo, D. Margarida Lerjó Tavares, D. Maria das Dores Cysneiros Machado Cruz (Queluz) e filha, madame Cast Seixas, D. Jucite Fialho de Mendonça, D. Albertina Gomes de Amorim Serodio (Sabrosa), D. Helena Gandon Duff Burnay, D. Maria Schroeter Pires, D. Maria da Soledade de Carvalho Bruges de Oliveira, D. Maria Tereza Mateus dos Santos e filha, D. Sofia Blech de Lancastre (Lavradio), madame Lopes Vieira, D. Madalena Firmo Cunha, D. Maria Luiza Ferreira Lima, D. Margarida Barbosa Meyreller, mesdemoiselles Costa e Silva, etc.

OPINIÕES LIVRES

PAGINA de Quinta Feira

por Norberto de Araujo

CARTAS INOCENTES

A literatura das Cartas—que não é epistolografia—é das mais belas, talvez por ser das mais simples. Não se trata de saber se é ou não é facil. Sabe-se que não se pode especular com elas, que não se pode pôr uma palavra a mais. Que não se pode crear emoção exterior, e que todo o artificio, porque é uma obra de artificio, tem de ser erguido por uma imaginação—que não pertence ao autor, senão em minima parte.

A quem escreve, e que o não saiba (e nem tudo se sabe quando já se sabe tudo), direi que é um belo jogo de espirito, consolador para quem o trabalha, ainda que desluzido para o publico. Nada mais replecto de intimismo.

O autor não pode «inventar», isto é: criar; nem «copiar», isto é, traduzir. E' no ponto intermedio que reside o encanto. Tenho tentado uns ensaios desta fórma, e desses ensaios reproduzo alguns trechos, porque os assuntos da semana, e alguns são belos, talvez porque hoje choveu, não me deram uma disposição critica, que me permita comentar os factos e arriscar opiniões, com coragem, que—ai de nós todos!—todos hemos de ter.

* * *

Primeira carta de Quiqui a seu pae, que está em Africa:

«Meu Querido pae. muitos parabens pelos seus anos. lembramo-nos muito de si o ano passado ainda cá estava o paesinho e o avô trouxe um presente.

Ontem esteve cá a Bibi tem uma boneca nova a Bibi é muito toleirona. meu querido pae quando é que vem já temos muitas saudade suas no coliseu ha uns palhaços novos. Já passei de classe o Carlinhos bateu-me mas eu não me importa tenho muitas cousas para lhe dizer mas agora não me lembro. a maesinha diz que o pae vem no vapor. eu quando fôr grande tambem quero ir. um beijo muitos beijos da sua filha adorada *Quiqui*. traga uma boneca preta».

(A ortografia desta carta é «traduzida» pelo copista).

Carta do Josésinho ao seu primo Quico que lhe mandou pedir noticias do que ia por Lisboa:

«Meu bom *Josésinho*. — Muito gostei de receber a tua carta. Tu já tens uma letra bonita, eu tambem tenho, não achas?

Sabes que morreu o Sacadura Cabral. Que grande homem! Tive muita pena! No meu colegio houve feriado. O Gago Coutinho é que devia ter muita pena. Foram os dois ao Brasil. Foi uma grande façanha!

Tenho estudado porque o meu padrinho quere que eu seja um homem. Gosto muito de historia, mas a botanica é uma grande massada. O meu padrinho levou-me á bola. Os belenenses são uns grandes jogadores. Eu não posso jogar a bola porque não tenho quintal. No colegio não ha quintal; senão jogava. Tu já vais para o liceu. Eu ainda não fiz o segundo grau. Estive doente. Tenho muitas saudades de ti, e de quando a gente esteve em Cintra. O padrinho este ano diz que tem que fazer em Lisboa. Não pode ir para Cintra. Quem me dera estar ao pé de ti! Então já tens uma noiva? Eu cá não. Não tenho pressa. A minha irmã é que tem pressa, diz a madrinha. Por cá não ha mais nada. Com isto não te enfado mais. Escreve a contar tudo. Teu primo muito amigo.—*Josésinho*.»

Carta de Maria da Luz, que tem 13 anos, á sua amiga Antoninha:

«*Minha querida Antoninha*.—Ando ha muito tempo para te escrever. Não o tenho feito porque tenho estado á espera que o pai me compre papel. Não calculas como é o papel aqui. Uma peste. Tem de se comprar em Lisboa. Aqui está tudo mudado. A Ritinha já não namora o Chico. Só gosta do Ruisinho, mas ele não quere saber d'ela. Eu por quem tenho simpatia é pelo Carlos, mas não é nada a sério. E' só para me divertir. O Augusto, que tu namoraste, quando cá estiveste em casa, já fez o segundo ano do Liceu. Está muito tolo. Agora usa capa de estudante, mas não estuda nada, e ainda por cima namora a Inez e diz que, d'esta vez, é que é a sério. Eu cá não acredito.

A minha amiga agora é a Ernestina. A Tatá já não se pode aturar desde que o pai foi a Paris. Usa agora um chapeu roxo, de que eu cá não gosto nada, mas ela acha aquilo um amor. Desde que te fôste embora para a quinta já estreei cinco vestidos, dois eram arranjados, mas todos julgavam que eram novos, e eu não disse nada.

Agora usa-se muito chapeus pequeninos. Eu cá acho muito bonito. A Avó deu-me uma pulseira que tinha sido da tia Anita. Toda a gente acha linda. Vou até deixar de usa-la todos os dias, para não me chamarem presumida. Bem sabes que o não sou. Antes da massada do colegio, vou ahi, e levo-a, para tu veres.—Tua amiga do coração, *Maria da Luz*.»

(Estas três cartas não foram vistas nem por pessoas da familia nem pelos professores).

* * *

Carta da Quiqui, que já é uma senhora, ao seu noivo que está em Africa:

«*Meu querido João*: — Recebi com alvoroço a noticia de que tinhas sido promovido a tenente. Envio-te daqui os meus parabens. Trago-te sempre no coração, e tanto te quero que para me não suporem louca por ti, que dizem que é feio sê-lo uma mulher por um homem, a ninguem falo no teu nome. Lembro-me do ano passado, em Belas, quando festejámos os anos do pai. Tanta coisa que ele contou de Africa! Até nos disse, de cór, a primeira carta que eu lhe escrevi ha 12 anos. Lembras-te? Ontem esteve cá a Manuela, que está radiante com o noivo. Já ouvi dizer cobras e lagartos desse rapaz. Mas tu não és, como ele, não? A Manuela não acredita nada. Eu de ti, tudo quanto me dissessem não acreditava, porque tu és bomzinho. Tenho o teu retrato no meu quarto, nas costas do retrato do pai. De noite volto o retrato. Assim te vejo, quando ninguem sabe que te posso ver. A tua mãe não tem cá vindo; acho que ela não gosta muito de mim, e faz me pena porque tu gostas muito dela. Faço tudo para lhe agradar.

Vi a tua irmã ha dias em S. Carlos. Mal lhe falei. Estava muito bonita. Parece-se contigo. O teatro aqui não se pode ver, senão quando vêm companhias francesas. Eu por mim, sem ti, nada me agrada.

Recebi o teu presente. Fui ao Ultramarino eu mesmo descontar. Não disse nada ao pai, que não havia de gostar.

Vem depressa, meu querido João. Arranja tudo para vires cá passar uns mêses, e casar.

Casar! Ligar a minha vida á tua! Como esta ideia me alvoroça!

Escrever-te-ia agora uma carta de cem paginas se o vapor não estivesse a partir. E não poder eu ir com ele!

Adeus. Um beijo, muitos beijos da tua adorada—*Quiqui*.

Escreve-me cartas muito grandes, e lembra-te que me prometeste uma lembrança do interior.»

Carta de Maria da Luz, que tem já 21 anos, á sua amiga Antoninha:

«*Minha querida Antoninha*:—Ando ha um rôr de tempo para te escrever. Não o tenho feito porque não tenho tido um momento de meu. E nem tu sabes quanto tenho para te contar! Quanto preciso de ti! Quanto sofro, Antoninha, e quanto te invejo, a ti casada e feliz com o teu Augusto!

Eu sempre simpatisei com o teu marido. Lembro-me ainda quando ele andava no Liceu, eramos nós duas garotinhas; recordas-te?

Que saudades! Eu estou uma velha! E se a minha cabeça, que o Carlos dizia tão linda, envelheceu, mais envelheceu a minha alma.

Sou uma ruina, minha querida.

Não acredito em ninguem. Sou eu propria uma desilusão! Frequento a sociedade, vou a chás, a festas, a recitas. Porque sou obrigada. Sofro! Sofro muito Antoninha. O amor—passou por mim sem me ter mostrado um só, só um dos seus encantos e das suas delicias. Passou, e matou-me. Não falo por desgosto, Antoninha. Nem por orgulho ferido. Carlos com o pretexto de que eu tivera um *flirt* já não sei com quem, rompeu, e desfez o casamento. Para ele foi uma felicidade porque nós, em casa, estamos pouco bem de finanças, como sabes. Para mim, foi a morte.

Sobre essa desilusão, muitas. A Mariquinhas que nunca mais me visitou, tão amiga do Colegio; a Ritinha que morreu, coitadinha, e de quem me lembro todos os dias; minha irmã que se esqueceu de que existo, depois que se apanhou casada com o Worn, da fabrica de adubos, aquele alemão grosseiro que nem um beijo ainda lhe deu, estamos todas convencidas; e mais, e mais. Finalmente, o teu casamento, Antoninha. Sem ti, acabou-se a ultima esperança.

Novidades, nada. A Inês fugiu com o Pedrinho Rocha, que é parvo mas é rico, e a Maria Isaura está apaixonada pelo José Seabra, que é inteligente mas é pobre. As Idanhas deram uma festa, que custou trinta contos, que o pai Lourenço pediu ao Ribeiro, dos Burnays.

Miserias. Fui ha dias vêr a capela do Colegio de Nossa Senhora—o nosso adoravel colegio de crianças—e estou a pedir a Deus que me leve depressa para o pequenino jazigo dos Prazeres, onde dorme, quietinho, quietinho, o meu pobre pai.

Olha; não entristeças. Adora o teu marido e tem muita pena da tua do coração—*Maria da Luz*.»

A Cidade

Chá das cinco

Maria e Madalena

Não sei como se chamava... Talvez Maria. Talvez Madalena. Escolhe tu, leitora!

O primeiro nome já sei. E' mais claro, e é mais harmonioso, tem doçura. Maria linda, Maria bonita, Maria rosa dos valados, coração de boneca e redondilha de amor.

Pois vou contar-te a historia de Maria, a mais linda Maria da nossa terra, de boca vermelha como o cobre, pesitos nús, em neve, desoito anos nos olhos claros e uma curva de anfora na cinta, tão longa de desejo que Maria sorria aos beijos que lhe davam de longe e ficavam no seu caminho, como as petalas das rosas por abrir.

Maria começou a namorar a agua corrente. Punha-se a cantar como as levadas logo de manhãzinha, quando os ninhos estavam ainda frios, e o ceu se despia de nevoa, friorento e timido, como um corpo de mulher que se espreguiça.

Onde irá ter o rio, Maria? E Maria não sabia. Sabia apenas cantar.

Pedacitos de oiro que ela ligava na voz, lagrimas que lhe cobriam a garganta de ternura, saudades sem saudade de viver quietinha, sobre a corrente que lhe levava o coração...

Para onde? E um dia ela quiz saber, quiz ir ter com o seu coração, amor sem ninho que tinha abalado; mas enganou-se na estrada, perdeu-se nos primeiros passos, feriu os pesitos, em neve, nas primeiras pedras.

Começa aqui a historia de Madalena...

Artur Portela

Os nossos livros

tambem têm sido traduzidos em francês

Do nosso amigo sr. Albino Forjaz de Sampaio, em resposta ao interessante assunto que pela pena do sr. José Osorio de Oliveira versamos ha dias, recebemos a seguinte carta:

Meu caro Alvaro de Andrade — Se a carta do sr. J. O. de C. não contivesse erros de facto eu não viria importunar o *Diario de Lisboa*. Diz aquele senhor que me esqueci de citar D. Ana de Castro Osorio e diz que o fiz *voluntariamente*. Foi tão voluntariamente como a omissão de todos os outros nomes não citados. Eu não me propuz fazer um Dicionario. Diz mais que D Ana está sendo voluntariamente esquecida «talvez por causa de ter dois filhos que são escritores tambem». Não, senhor. D. Ana de Castro Osorio ainda não tem filhos de tal valor literario que façam esquecer o seu nome. D. Ana de Castro Osorio tem uma obra e a essa todos os que sabem reconhecer o trabalho alheio, prestam homenagem. Quanto a Henri Faure conheci muito bem. Foi tradutor de Garrett... e meu. Em 1903, ha vinte e dois anos, veja lá o sr. Oliveira. Quanto aos lusofilos, como pessoa que anda por cá ha alguns anos, conheço-os a quasi todos. E porque os conheço é que posso dizer que não existe na Alemanha nenhum Viltor ou Victor Bjöskmann. Existiu um Goran Bjöskmann mas na Suecia. Tambem me traduziu. Na Alemanha os nossos amigos marcantes foram Wilhelm Storck e D. Luiza Ey, agora. Não é preciso, creio eu, citar D. Carolina Michaelis. Se o sr. J. O. de Oliveira quere saber muita cousa sobre Faure, Storck, Bjoskmann e outros, procure numa velha revistinha que em 1904 eu dirigi, *A Cronica*, e lá encontrará tudo. E' possivel que o sr. Oliveira saiba muito mais, mas eu sou mais velho. Sei ha mais tempo e ainda hoje me não envergonho de aprender. Mas hoje, e neste caso, ao sr. Oliveira, sou eu que ensino. Um abraço do teu, *Albino Forjaz de Sampaio*.

AVIAÇÃO TRAGICA

Morreu

ontem á noite

NO HOSPITAL

o jornalista Mario Graça

Naquela ante-manhã de tragedia em que Mario Graça e os seus companheiros de desdita se embarcaram na aeronave da morte para se perderem num grande, num formosissimo sonho de belêza, pelo infinito luminoso dos ceus, passou num coração de mulher a sombra negra de um presagio.

Precisamente á hora em que o «Breguet 13», numa vertigem de velocidade, num desespero de gloria, ia erguer-se triunfante, nos ares, como um genio endoidado que pede mais luz e pede mais liberdade para sacudir de si o fardo escravisador da vida; precisamente quando, no plaino da Amadora ia iniciar-se aquela cavalgada fatal de três almas por sobre a grenha movediça das nuvens, cá ao longe, uma mulher adormecida previa, em esmagador pesadelo, toda a brutalidade da catastrofe.

Coincidencia? Fenomeno psiquico mais ou mênos explicavel para as locubrações dos sabios? Não sabemos; não curamos, mesmo de profundar, nesse ponto, a importancia da noticia. Certo é que, na distancia do tempo e do espaço, um coração de mulher palpitou de ansiedade naquele minuto tremendo; e uns olhos de mulher anteviram a grandeza do desastre; e uns nervos de mulher vibraram de pavor contemplando a agonia dos martires; e uns labios de mulher se contrairam na afliçâo suprema de uma prêce que ninguem ouviu.

Não sabia de nada; não fôra prêvenida, sequer, de quê o jornalista iria, naquela madrugada, á aventura que o matou. Se houve denuncia, foi o coração, apenas, que lh'a poude sêgredar...

E, no entanto, quando, ao despertar daquela tortura atroz, alguem foi dizer-lhe, a medo:

—O teu Mario...

Concluiu ela logo, numa explosão incontida de lagrimas:

—Já sei. O meu Mario... morreu!

* * *

Maria Luiza — chamemos-lhe assim, que é tão lindo este nome para esconder um segredo grande de amor...—chegou ao hospital quasi no proprio momento em que o jornalista ali dava entrada, para ajustar com a morte as contas da sua audacia. E nunca mais o deixou, e nunca mais dormiu, e nunca mais, por muito que porfiasse, por muito que sofresse, foi capaz de conseguir, como ambicionava, que a sua dôr fizesse o milagre de o salvar.

Mal sabia, o desgraçado, no alheamento do seu desvairo, na inconsciência do seu pavoroso sofrer, que um coração de mulher andava ali tão perto, a rondar-lhe o leito, para escrevêr, num desafio á propria morte, num anceio formidavel de sacrificio, o ultimo capitulo da sua vida de homem e de jornalista...

—Pertence-lhe? — inquiriam os enfermeiros.

—Sim... Pertenço-lhe! Mas... não lh'o digam. Não quero que ninguem o saiba...

E chorava mais; e implorava que a deixassem estar á cabeceira do moribundo; e resistia a todas as proibições como um cão que prefere ser pontapeado por estranhos a que alguem vença a sua teima heroica de fidelidade!

* * *

—Deixem-me ser desgraçada com a desgraça desse martir que, já agora, só poderá ser meu nos esponsais da morte! Quero para mim o ultimo relampago do seu olhar! Quero para mim o triste privilegio de tocar pela primeira e ultima vez, o envolucro daquela alma que tão dominadoramente me prendeu!

Depois... ontem á noite, os medicos decidiram:

—Está perdido! Deixem-na entrar; que ele já não sente os estertores da agonia!

Maria Luiza entrou, amortalhada em crêpes; deteve-se a meio do quarto, como estatua viva do espanto; fixou o seu olhar maguado no vulto informe do moribundo; Mario Graça olhou-a tambem, sem a conhecer, e... morreu.

* * *

Leitores: isto... é um pormenor da reportagem. Mas a gente regista-o, porque, para nós, jornalistas, é o amor a unica compensação que nos fica desta tarefa ardua, ingloria, e quasi sempre fatal, a que nos damos.

Sofre-se tanto, para que vocês sintam comnosco a verdade do que lhes dizemos! Queimamos tanto a alma, para que vocês compreendam comnosco a alegria ou a tristeza, a magua ou o desespero das coisas que lhes contamos...

* * *

Mario Graça era jornalista. Calhou-lhe a «sorte». Podia ter sido eu; podia ter sido o Fausto Vilar, que esteve com o pé no estribo da carlinga; podia ter sido outro qualquer — que a gente, quando anda nisto por amor, quando se mete por paixão nesta engrenagem assassina, só disputa primazias, de desgraça ou de prazer, de risco ou de gloria, porque pensa nos outros acima de si mesmos.

Este, morreu. Outros têm morrido já; outros morrerão ainda; a sua vida tornada em simbolo de sacrificios sem par; o seu destino traduzido em lagrimas que só nós sabemos chorar, até quando importa esmagar o coração para que ninguem desconfie, sequer, do sofrimento que nos alanceia...

Daí... — vejam vocês o amargo da profissão! — tão pouco nos basta para recompensa, que só nos seduz, como para Mario Graça, — o pobre sonhador do «Breguet 13» — um regaço de mulher a acolher-nos na hora derradeira... uma palpitação sincera, por amor ou por dó, no coração limpo duma mulher...

APRIGIO MAFRA

COMPANHIA ESPANHOLA

SUBIU

ontem á scena

no teatro Avenida

a opereta «Benamor»

de Antonio Paso e R. Floro

com musica de Luna

Não pude assistir ante-ontem á estreia da companhia Barreto, mas trouxe ontem da exibição da *Benamor* uma excelente impressão das primeiras figuras do conjunto em que se destacam as massas coraes masculinas e do guarda-roupa, com caracter, com propriedade, com bom gosto, e sem aquelas exuberancias de exotismo a que se convencionou chamar luxo. Scenarios da *tournée*, sem reparo de maior. Toda a encantadora opereta de Pablo Luna foi representada e principalmente cantada com o relevo, com um belo ritmo, com rara expressão e vivo colorido. A companhia — ha que afirmá-lo com justiça — tem no seu elenco vozes de bom timbre e de boa escola, condição essencial, no meu entender, para a existencia duma companhia de opereta.

Dionizia Lahera, a primeira tiple que ontem se estreou, compoz com uma marcada observação, evidenciada em pequenos significativos detalhes o seu *travesti*, e acentuando por um inteligente processo de composição a masculidade das suas atitudes, dos seus gestos, do recorte insinuante do personagem.

Cantou bem a sua parte, por vezes, de dificil exteriorisação como, por exemplo, a formosa canção do primeiro acto, mimando-a com intenção e acingindo-se inteiramente á partitura, sem necessitar de lançar mão de recursos teatrais de um duvidoso exito... Parece-me que essa canção, de uma indiscutivel beleza, ganha mais em ser cantada ou sequer trauteada, do que assobiada. A canção do 3.º acto, com acompanhamento do côro, cantada com leveza e com finura, mereceu ser justamente bisada.

Juanita Fabra, que encarnou o sultão *Datro*, é um soprano ligeiro, de voz agradavel, marcando com segurança a nota sentimental e apaixonada, e interpretando com justeza a figurita gentil e fragil da princesinha que as implacaveis leis de Ziratastra, pretendem converter num sultão.

Pepita Fuster, uma caracteristica, sem destemperos comicos, tirou do seu papel, com discreção, efeitos curiosos.

Nitetis teve em «Natividad Pinero», uma perturbante escrava grega, cantando e dançando bem. Principalmente o seu bailado em pontas, merece registo, pela precisão e pela leveza com que foi executado.

Coube a Pedro Barreto, o velho *Abdul*, desenhado com segurança, e dando a nota comica exacta, sem destrambelhos de atitudes equivocas, que é o velho *cliché* dos artistas do genero.

Filipe Cabasés, um baritono, experimentado, de voz quente e apaixonada, encarnou o seu tipo de aventureiro espanhol com a *panache*, o cavalheirismo que a rubrica exige. Se toda a sua parte foi cantada com brilho, ha que destacar o seu dueto com Juanita Fabra, no terceiro acto, aplaudido e bisado.

Joaquim Arenas, um bom *basso* de voz extensa, sonora, bem timbrada, logo na deliciosa canção do primeiro acto, marcou com relêvo, o seu lugar, fazendo realçar toda a parte cantante, que tem incontestadas exigencias musicais. Francisco Beltran, deu um recorte pitoresco, caricatural ao *principe Jacinto*. O quinteto do segundo acto foi cantado com muito *entrain*, vivacidade e calor, resultando dum assinalavel destaque.

A Companhia Barreto bem mereceu do publico os aplausos com que foi acolhida, precisamente porque, as vozes que a compõem, não são meras hipoteses, como em regra sucede com as *troupes* do genero.

J. de O.

A Cidade

BANCOS CLANDESTINOS

ESTÃO

em circulação duzentos contos de cedulas de 20 centavos que não foram fabricadas na Casa da Moeda...

Está oficialmente aprovado pelo governo o fabrico das notas falsas. Nem de outra maneira se explica o que nós todos os dias aceitamos, nas lojas e nos electricos:

—Esta nota é falsa...

—Sim, os vinte centavos não são dos mais perfeitos. Outros—não tenho.

—Dê cá, homem! Tudo serve! Tudo passa!

Este pequeno dialogo, arrancando ao vivo, mais termo, menos termo, prova exuberantemente que o nota falsa entrou na circulação dos nossos costumes.

Quanto dinheiro fabricado clandestinamente, numas classicas *minervas*, ingredientes baratos de drogrista e chapas mal retocadas—anda por aí? As cifras são claras e brutais. 300 contos!

Que o particular, com falta de dinheiro, trate de o arranjar, fazendo concorrencia á Casa da Moeda—está certo, certissimo! Mas que as autoridades não se importem com isso, sendo elas, como todos nós, agentes dessa formidavel burla fiduciaria—só em Portugal, com a nossa tolerancia e caracteristico desrespeito pelas leis. Ao lado da circulação fiduciaria do Estado—a particular.

Uma está desvalorisada em virtude de circunstancias economicas conhecidas—outra está valorisada, apesar de só ter o valor da especie.

Os fabricantes gosam de absoluta impunidade. Calculam-se fortunas. Dia a dia são lançados em circulação, pelo menos, 10 contos, em notas de vinte centavos. A nota falsa, a nota suja é igual á sua irmã, tão suja como ela, mas de valor declarado. Já não se distinguem umas das outras. Tudo serve. Os condutores dos electricos, ao fazer as contas, nas estações, põem de parte 20 escudos em papel falso. E como a companhia não os aceita, eles trocam-nas nas lojas e aos particulares.

A nota falsa—é a *boule de neige*. Amanhã só haverá moeda artificial, sem reservas metalicas, nem chancelas de qualquer ordem. Que belo titulo para uma revista: *O país da cedula falsa!*

A SEMANA DE CAÑERO

Conforme anunciámos, têm-se realizado varias homenagens ao notavel cavaleiro D. Antonio Cañero que é hoje a maior figura do toureio.

A Empreza do Salão Olimpia ofereceu-lhe ontem, no «Retaurant» Olimpia, um jantar a que assistiram, entre outras pessoas, o distinto pintor Ricardo Marin e sua esposa e os srs Silveira Ramos, Cristovam Aires, Pedro Bordallo Pinheiro, Delfim Maia, Conselheiro Petra Viana, Leopoldo O'Donnell, Alvaro de Andrade, Manzoni de Sequeira, Conde de Anadia, Aprigio Mafra, Carlos Ferrão, José O'Donnell, Rogerio Garcia Pérez, Candido de Oliveira e Felix Correia.

Houve muitos brindes entusiasticos.

CARREIRAS AEREAS

Lisboa

vai ficar ligada POR 10 AVIÕES com Madrid e com Paris

O sr. ministro do Comercio oficiou á direcção de comercio e industria a fim de que reuna imediatamente a comissão encarregada de apreciar as propostas para o estabelecimento de carreiras de navegação aerea.

Uma das propostas é do sr. D. Juan José Luque Argenti, que é representado em Lisboa pelo engenheiro sr. Gaston Lanoël de Aussenac, a quem hoje ouvimos sobre este palpitante assunto:

—Propomo-nos estabelecer uma carreira regular de navegação aerea Paris-Madrid-Lisboa e vice-versa. Não pedimos qualquer subvenção ou beneficio do Estado. Não pedimos, nem queremos, o exclusivo. Pedimos apenas para nos deixarem voar sobre Portugal.

—Qual é o projecto dessa empresa?

—Com dez aviões *Caudron* C. 61-bis, aparelhos de três motores, identicos aos da Companhia Franco-Romena, organisar um serviço diario para passageiros, correspondencia e mercadorias. Para isso, utilisar-nos-hemos dos campos de aviação franceses, espanhois e portugueses, construindo um em Ponte do Sôr, de que o Estado e a Aviação de Portugal se poderão utilisar, sempre que queiram.

—Esses aparelhos...

—Levam 8 passageiros, um piloto e um mecanico. Podem transportar 740 quilos de mercadorias e correspondencia.

—Disse que não querem o exclusivo?

—Não. Achamos que se deve estabelecer para a aviação comercial o mesmo regimen que ha para a navegação maritima: liberdade de trafego.

—Em Espanha...

—Já temos a concessão de Madrid á fronteira. Em França, tambem já a requeremos e esperamos a todo o momento a resposta de lá e de Portugal.

—Quanto tempo levarão essas viagens?

—De Lisboa a Madrid 4 horas. De Lisboa a Paris 14 horas. Os aparelhos, tanto á ida como á volta, aterrarão em Madrid, para serem beneficiados, seguindo os passageiros noutros aviões. Quando seja necessario, aterrarão em Bordeus.

—Quantos aparelhos têm?

—Dois, ser-nos-hão entregues imediatamente. Os outros oito, tê-los-hemos logo que nos seja dada a autorização. Cinco ficarão para o trafego Lisboa-Madrid, e os outros cinco para o de Madrid a Paris. Todos os dias chegará a Lisboa um avião e partirá outro.

—Quando começará esse serviço?

—Logo que Portugal queira. A concessão espanhola obriga-nos a iniciar as carreiras antes de 30 de Agosto proximo. Sabemos que o nosso requerimento tem sido bem informado nas instancias competentes. Sómente, tivemos que mudar o local excolhido para a aterragem em Portugal — Oeiras — para Alverca, por o campo de Oeiras estar junto ao Campo Entrincheirado. Logo que tenhamos a respectiva concessão, entender-nos-hemos com a Administração Geral dos Correios.

—O pessoal dos aviões...

—Será português e espanhol. Os pilotos e os mecanicos serão dos dois paises, o mesmo acontecendo com o pessoal das oficinas.

—E haverá realmente carreiras todos os dias?

—Os nossos aparelhos são para voar com qualquer tempo. Devemos ter, por ano, pelo menos, 320 dias de vôo.

As linhas negras indicam as carreiras aereas que já estão funcionando na Europa. A parte tracejada indica a projectada linha Lisboa-Madrid-Paris

Pelos teatros

«Tangerinas magicas»

E' definitivamente no sabado a reabertura do teatro da Trindade, estreia da Grande Companhia Portuguesa de Operetas e Feeries, e primeira representação da peça «As Tangerinas Magicas». N'esta peça, entre

BRANDÃO SOBRINHO

outras novidades, estreia-se em Lisboa o actor-comico Brandão Sobrinho, nosso compatriota, natural dos Açores, que tendo ido para o Brazil sobre o patrocinio de seu tio, o actor mais popular do Rio de Janeiro, Brandão ali se fez artista, mantendo, durante muitos anos, um excelente posto no teatro.

Uma noite de arte

Como já é do dominio publico, realiza-se no Teatro de S. Carlos, no dia 17 d'este mês, isto é, de ámanhã a 15 dias, um interessante espectaculo de arte e letras, no qual se apresentam dois originais portugueses ineditos, desempenhados, um d'eles por Amelia Rey Colaço, e pelos mais ilustres artistas da Companhia do Politeama, que n'esse dia sobe ao Teatro do Estado, fazer teatro de arte ao lado de Lucilia Simões e seus artistas ilustres, que desempenham o outro original.

Para aumentar o interesse invulgar d'essa recita unica, que terá um extraordinario brilho, vem a Lisboa, expressamente, La Goya, que fará ouvir os seus mais apreciados numeros. La Goya, presentemente em Barcelona, está em Madrid, no Eslava, n'esse quadro, e deixa uma noite o classico teatro de Martinez Sierra, para vir a Lisboa.

Atrás do reposteiro

Partiu hoje para Madrid, acompanhado do empresario Luis Pereira, o actor Robles Monteiro.

—A companhia espanhola de opereta e zarzuela que está trabalhando no Avenida, representa hoje, em recita extraordinaria, as zarzuelas «Em Sevilha está el amor» e «El niño judio». A'manhã efectua a sua 3.ª recita de assinatura, com «La monteria»; e com a celebre canção «Ai que ver!» e a zarzuela em 1 acto «El maestro Campanone», inteiramente nova para Lisboa.

—Estreia-se ámanhã, no Sá da Bandeira, do Porto, a companhia Maria Matos—Mendonça de Carvalho, levando á scena, pela primeira vez, a comedia «Era uma vez uma menina»... (Peg ó my heart).

—A companhia espanhola de Pedro Barreto deve terminar a sua curta temporada no Avenida, na quarta-feira, 8 do corrente, devendo seguidamente realizar uma «tournée» no nosso país, para o que já tem contratos para Setubal, e nas provincias do Alemtejo, Algarve, Douro e Minho.

—Estreia-se na opereta «Bayadera», em ensaios no S. Luis, uma nova actriz cantora, que desempenhará uma das principais personagens da peça.

—Amanhã, no Alhambra, no Parque Mayer», realiza-se um concurso destinado ás damas.

—A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro tem uma «mascotte» teatral: dois quadros emprestados pelo sr. Anastacio Fernandes, que serviram nas comedias «Greve geral», «E' preciso viver», «Mulher nua» e «Massaroca», que foram quatro grandes sucessos financeiros e artisticos.

—Estreou-se ontem em Santarem, realizando hoje o segundo e ultimo espectaculo, a companhia do teatro Apolo.

TEATRO DE S. CARLOS TELEFONE C. 3063

HOJE, ás 21,30 (9 1/2 da noite)

RECITA DA MODA

com a graciosissima comedia

O Sinal de Alarme

Notabilissimo trabalho de Lucilia Simões

Bilhetes á venda, sem locação.

Fauteuils, 9$00; camarotes, 40$00, 30$00, 2 $00 e 12$00; galeria, 2$500.

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE — A's 9 horas da noite

RATO DE HOTEL "FRANCINE" Auzenda de Oliveira

EDEN TEATRO Telef. N. 3800

Empresa Conceição Silva, Ltd.

HOJE, em sessão permanente desde as 8 45 da noite

ENORME EXITO das maravilhas artisticas

JULITA CASTILLO encant. coupletista

SASETAS sensacional numero de acrobacia

BONECA ANIMADA pelas irmãs Obiol

DE YORKS numero de forças combinadas

Yankée e **Imperia Argentina** enc. bailarinas

Lindissimas fitas animatograficas

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

HOJE, ás 9-30

A Massaroca

Nascimento Fernandes no papel de «Padre Lino»

De 22 a 27 do corrente, apresentação da "Tournée" **FRANCE ELLYS**

Abre a assinatura no dia 8 para os assinantes da COMPANHIA JEAN HERVE'

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE, ás 21-15

GRANDIOSO SUCESSO

com a notavel comedia

O Abade Constantino

MAGNIFICO DESEMPENHO

Protagonista—Chaby Pinheiro

TEATRO da TRINDADE

Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876

AMANHA

ESTREIA DA

GRANDE COMPANHIA DE OPERETAS E FEERIES

Peça de inauguração

AS TANGERINAS MAGICAS

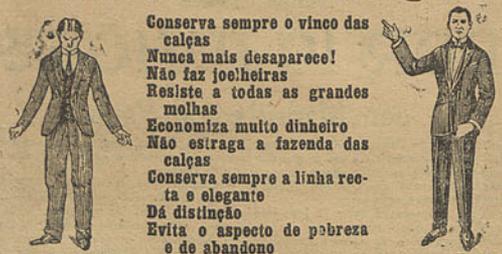
Scenarios deslumbrantes — Guarda-roupa riquissimo

ATENÇÃO!...

Não ha calça elegante sem a fita

"UNIC"

Maravilhoso invento inglês

Calça sem «UNIC»

- Conserva sempre o vinco das calças
- Nunca mais desaparece!
- Não faz joelheiras
- Resiste a todas as grandes molhas
- Economiza muito dinheiro
- Não estraga a fazenda das calças
- Conserva sempre a linha recta e elegante
- Dá distinção
- Evita o aspecto de pobreza e de abandono

Calça com «UNIC»

Não é preciso voltar a passar a ferro

Preço de reclame: Fita para uma calça, 7 Escudos

Para a provincia franco de porte

Depositarios: MAISON BLANCHE ROSSIO, 16

Teatro AVENIDA Telefone N. 4356

EMPRESA JOSE' LOUREIRO

HOJE, ás 9-15, Recita extraordinaria pela Grande Companhia de Opereta e Zarzuela, dirigida pelo 1.º actor PEDRO BARRETO

AS ZARZUELAS, respectivamente em 1 e 2 actos

EN SEVILLA ESTÁ EL AMOR

EL NIÑO JUDIO

Companhia das Lezirias do Tejo e Sado

Venda de propriedades

Faz-se publico que na segunda-feira, 20 de Abril, pelas 14 horas, na séde desta Companhia, rua Nova do Almada, 53, 1.º, se procederá á venda em hasta publica, se o preço convier, das seguintes propriedades:

Em Alcacer do Sal:

Paul da Comporta e demais propriedades junto ao Sado, que compõem a 5.ª Administração da Companhia.

Em Azambuja:

Corredouro do Batalha
Caçador
Balhurdo
Corredouro do Choupo
Corredouro da Massamuda.
Corredouro do Mathias Torres e do Amorim
Corredouro do Vau
Courela da Cabeça
Correeiro
Corredouro Grande
Coureia dos Castelos
Terra junto á Barca das Virtudes
3 celeiros
Celeiro e casas altas em Valada

Na Chamusca:

Bravio de Cima
Corte n.º 22
Corte do Tapadão
3 celeiros

Em Samora Correia:

Tapada das arvores.

As condições que regem a praça e mais esclarecimentos estão patentes na séde da Companhia acima indicada, onde se prestarão todas as facilidades para a visita ás referidas propriedades.

Lisboa, 2 de Março de 1925.

Pela Companhia das Lezirias do Tejo e Sado.

Os Directores,

(a) Bernardino C. Cincinato da Costa
(a) Madail Lopes Monteiro
(a) Emilio Infante da Camara Junior

PO D'ARROZ D'ARTISTAS

O mais adherente. Amacia e aveluda a pelle, dando-lhe os tons mates da Juventude

O preferido pelas primeiras artistas

Caixa 8$50 — 12 caixa 5$00

PERFUMARIA MENDONÇA

43 — Calçada do Combro — 47

LISBOA

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40 — (Predio todo)

TEL. C. 3087

CONSULTEM SEMPRE:

A ACTIVA

Trabalhos em todos os generos

DE

CONSTRUÇÕES CIVIS
CARPINTARIA CIVIL

Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas.

Cura em pouco tempo a queda do cabelo.

Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo.

A Juventude é sobre tudo um remedio preventivo da calvicie.

Unico depositario:

Drogaria DIAS

Rua dos Fanqueiros, 342 e 344. Agente no Porto: Adolpho Hofle, Ltd., Rua Sá da Bandeira, 205. = Frasco, 12$50; pelo correio, 17$50.

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico — C. do Duque, 20

C. da Gloria, 15 — T. N. 4457

Director

Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.

Aberto das 8 ás 13 horas.

Consultas das 10 ás 12 horas

DEFENDAM-SE

Não mandem fazer fatos, sem visitarem a alfaiataria «Centro da Moda», R. Augusta, 141, 1.º, onde se veste com mais economia, elegancia e distinção.

Grande baixa de preços.

Tambem se fazem fatos a feitio para homens e senhoras.

Grande facilidade de pagamento

ESTRANGEIRO

LONDRES

80.000 pessoas viram a regata Oxford-Cambridge nas margens do rio Tamisa

LONDRES, 2

Reuniu-se uma multidão enorme, aproximadamente 80:000 pessoas, á beira do Tamisa, para assistir á prova anual das «équipes» de oito remadores das Universidades de Oxford e Cambridge.

Como é costume, a escolha da posição dos barcos foi tirada á sorte, que favoreceu o Cambridge, a quem coube o lado norte do rio, um pouco mais protegido do vento, que soprava do nordeste com bastante violencia.

As duas «équipes» remaram primeiro lado a lado, durante 200 metros, aproximadamente; mas em seguida Cambridge tomou a dianteira.

A uma milha aproximadamente do ponto de partida, Cambridge tinha cêrca de 5 comprimentos de avanço e uma milha mais adiante estava á cabeça com 8 ou 9 comprimentos.

Notou-se então que o barco da «équipe» de Oxford a pouco e pouco se enchia de agua, em virtude da agitação do Tamisa; pouco depois a prôa desaparecia lhe debaixo de agua; não se afundou, mas era impossivel faze-lo avançar na posição em que se encontrava e a cêrca de duas milhas do ponto de partida, Oxford abandonava a corrida.

A «équipe» de Cambridge parece não se ter apercebido do que tinha sucedido á de Oxford e continuou a remar, terminando o percurso em 21 minutos e 50 segundos.

O percurso comportava um pouco mais de quatro milhas. — (H.)

LONDRES, 2

O governo australiano foi informado pelo governo inglês que a Inglaterra não diminuirá os direitos de entrada para os vinhos estrangeiros e que nos termos do orçamento que será apresentado este mês, os vinhos australianos beneficiarão provavelmente de uma redução variante de 4 a 2 sh por galão. — (H.)

LONDRES, 2

O «Sunday Times» e a «Week'y Dispatch» escreveu que a critica do protocolo feita pelo sr. Lloyd George causou um profundo descontentamento no grupo radical, que pretende dissociar o partido liberal e a politica do seu chefe. — (H.)

OS GRANDES EXITOS DO E'CRAN

A Morte Cançada

Cada vez se acentua mais, o brilhante exito artistico, alcançado pela super-produção «A Morte Cançada» que se exibe no Cinema Condes. As suas reconstituições maravilhosas da Veneza seiscentista, da aldeia medieval de Baviéra, do palacio e jardins encantados do imperador da China Li-Hang, a catedral gigantesca das sombras, o reino da morte e outras grande scenas, assombram e deslumbram, como de extraordinario interesse é a «mise-en-scene» audaciosa e a interpretação inexcedivel de Lil Dagover, Walter Jansen, Rudolf Klein Roger, Hugo Doblin e o genial actor Bernard Goetze que, no papel de *Morte*, tem uma criação impressionante.

A ACTUALIDADE TEATRAL

A «Madelon» de Jean Sarment

O MESTRE DOS DRAMATURGOS da nova geração franceza

PARIS — Março (Especial) — Póde dizer-se que, longe de qualquer «cotterie», fóra da publicidade das «capelinhas» literarias, a creação da nova obra de Jean Sarment era esperada pelos criticos, pelos confrades e pelo publico, com uma sincera curiosidade.

Os teatros da vanguarda tinham revelado o nome de Jean Sarment ao publico, e logo aos intelectuais de todos os paizes. Depois do triunfo do «Pescador de Sombras», do brilhante sucesso de «A corôa de cartão», da consagração pelo «Casamento de Hamlet», o joven autor conquistou facilmente todas as scenas — as mais oficiais da França: Depois do Odeón, a Comedia Franceza abre-lhe as suas portas para «Eu sou muito grande para mim». Traduzido em varias linguas (creio que tambem em português), Dario Nicodemi levou-o em Italia e em Madrid, a Polonia representa-o, os paizes anglo-saxões igualmente. No ultimo ano Barcelona organiza uma Semana Jean Sarment. Em breve, depois do sucesso da capital catalã, toda a Peninsula o conhecerá. Este inverno, a Opera acolhe-o. Não posso dizer se «Arlequim», que não vi ainda, revela em Sarment um sentido musical da intriga teatral, mas devo afirmar que se conta com ele para livrar os libretos da Opera da banalidade.

No dia seguinte ao «Eu sou muito grande para mim» — a peça que fez correr tanta tinta, a obra tão rica que um critico desejaria estuda-la em detalhe, anunciou-se a creação, nos Boulevards, de «Os olhos mais belos do mundo». E foi «Madelon», a peça escrita depois do exito de «Eu sou muito grande», que foi representada.

O autor do «Pecador de Sombras», tão potente já que está sendo imitado por muitos, pensára duas peças para os grandes «Boulevards». Preguntou-se:

—E' isto um renovamento na maneira dum dramaturgo que diziam atormentado, a proposito do qual se pronunciaram os nomes de Ibsen, Shakespeare, Musset e Marivaux? E' esta uma nova fase dum talento adquirido?

Um autor que poude usar alternadamente as scenas da vanguarda, onde a bizarria é muitas vezes confundida, pelos excitados, com a verdadeira originalidade — a de Sarment; depois, as scenas mais graves que são, de certo modo, as cadeiras duma Sorbonne dramatica; semelhante autor não podia, sem perigo, afrontar, em seguida, o publico dos «Boulevards», ao mesmo tempo ligeiro e exigente, blasé e romantico. Pois, apesar disso, Sarment triunfou completamente. Foi um dos sucessos mais solidos, mais seguros, e, portanto, mais escolhidos, da temporada.

* * *

Madelon é uma rapariga resoluta que, como a da canção da guerra («La Madelon pour nous n'est pas sévère») dá aos jovens o vinho das vinhas e a embriaguez dum coração emotivo.

Primeiro acto: um «cabaret» maritimo em New-York. Alguns mandriões cortejam Madelon. Um joven está sério. Propõe: — Que cada um de nós conte a sua vida! Desde este instante, por este golpe de teatro moral, a peça começa. Ao lado dos antigos amigos de Madelon—um pouco fantoches, menos um, Robochon — fica o personagem querido de Sarment, o amoroso grave. Está preso de Madelon. A sua franqueza e a confissão de que tem em França uma amiga que não o ama, bastam para que Madelon tambem se prenda.

Segundo acto: o amoroso por compensação, mete-se no jogo, faz ciumes aos seus camaradas, antigos amigos de Madelon. Esta, entretanto — bom coração — perdôa-lhe não ter esquecido a sua noiva de França.

No terceiro acto, graças talvez á dedicação de Madelon que, nas más horas, o sustentou, o encorajou, lhe procurou relações, o joven amoroso de New-York, voltando a França, esqueceu Madelon. Compositor já conhecido, começa verdadeiramente a sua carreira, e avista-se com ela uma noite. Embriagado pela ceia num gabinete, e tambem por premeditação, sugere a Madelon a ideia de tomar como sucessor dele... o bravo, e simples, o dôce Robochon. Madelon revolta-se. Robochon, convidado para esta cinica exposição, ameaça partir tudo. A scena é admiravel. Póde comparar-se ás scenas mais classicas do «Theatre d'amour». A peça aparece inteiramente, uma peça de costumes (aí está a sua força) uma peça de caracter: o egoista sentimental. Os autores de «Boulevard», no mau sentido da palavra, acumulam este ano historias de amantes. Bataille quiz desenhar, no «Scandale» um outro arrivista pelo sentimento. Jean Sarment fica Jean Sarment. O seu amoroso é «sincero». Praticou sobre si mesmo a introspecção. Não se deculpará com a irresponsabilidade (novidade que não sabemos compreender); julga-se, mas não se combater. E' «l'enfant gâté», um pouco como na scena, o autor. E' um insatisfeito que, no quarto acto, no momento em que a gloria o toca com as suas azas, lembra uma vez mais Madelon, porque as desgraças domesticas — morte da mãe, do irmão, etc. — lhe estragam o prazer do exito.

Oposto a Madelon, a boa rapariga, Musa eterna, o egoista sentimental de Sarment é uma creação. Os pedagogos dirão que o autor tem aqui menos genio e mais talento. Deve dizer-se que, nas suas obras anteriores, mais simplesmente que o psicologo anatomista da «Corôa de cartão», o confessor de almas, o ameno creador de tipos piedosos e cinicos, como o «raté» do «Je suis trop grand...» tem voluntariamente arredondado a sua materia teatral, sintetisando a abundante riqueza emotiva e isolando um tipo verdadeiro, humano, tão humano que lhe gritamos: parai! isso é verdadeiro de mais! E' muito vivo!

De hoje para o futuro, os ocupantes das varias scenas devem contar com este joven confrade, e os gastadores — e os tantas vezes turbulentos herois do teatro novo, devem chamar a Jean Sarment o mestre da geração nova.

ADOLPHE FALGAIROLLE

FRANÇA

3 DIAS de greve proclamada pelos estudantes de todas as escolas superiores

PARIS, 2

Os estudantes das diversas faculdades e escolas superiroes decidiram proclamar a greve por três dias como protesto contra a atitude do governo na questão da faculdade de direito, e contra as condenações sofridas por alguns academicos que tomaram parte na luta com a policia, no dia da grande manifestação contra o sr. Scelle.

Os estudantes da faculdade têm continuado a reunir-se em frente do edificio da sua escola, manifestando-se ruidosamente contra Herriot, François Albert e Scelle, ao correr o boato da destituição do director da faculdade, sr. Berthélemy, sem que se tenha dado qualquer incidente com a policia, que estabeleceu um forte, mas discreto serviço de segurança em todas as ruas e «boulevards» que circundam a faculdade. — (L.)

PARIS, 2

Na sua reunião desta noite, o conselho de gabinete ocupou-se dos creditos que cada um dos ministros deve pedir durante a discussão do orçamento no Senado. Além disso, o governo examinou os meios a propôr para fazer face ás actuais necessidades do comercio sem faltar aos seus compromissos. — (H.)

PARIS, 2

A Associação Geral do Estudantes determinou que em todas as faculdades e escolas importantes de Paris se faça greve durante três dias como protesto contra a atitude assumida pelo governo ante a manifestação levada a efeito pelos estudantes. — (H.)

Angola

Convocação

Em execução das resoluções adoptadas na reunião magna dos representantes dos interesses economicos de Angola, realizada no «Centro Colonial» em 1 do corrente, a Mesa da reunião tem a honra de convidar todos os coloniais que nela estiveram presentes, e todos os outros que por Angola se interessem, a acompanhar a comissão especial nas diligencias que vai efectuar junto do sr. Portugal Durão, no sentido de Sua Ex.ª não declinar o convite que lhe foi feito para exercer as funções de Alto Comissario da Republica em Angola.

A comissão avistar-se-ha com o sr. Portugal Durão amanhã, na Camara dos Deputados, ás 4 horas da tarde.

A Meza da Reunião

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	98$25	98$50
*/Paris..........	—	1$09
* Madrid.........	—	2$96
*/New-York	—	20$70
* Amsterdam......	—	8$25
*/Suiça..........	—	4$00

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas.......	—	1$05
*/Italia.........	—	$85
*/Praga..........	—	$62
*/Brazil.........	—	2$30
Libra esterlina...	105$00	110$00
Agio do ouro....	—	—

OS FUTUROS DOUTORES...

Vai realisar-se ámanhã a recita dos quintanistas da Faculdade de Direito

Principiaram já as manifestações de despedida dos quintanistas de Direito que este ano terminaram o seu curso.

Esta manhã, pelo meio dia, na Igreja dos Martires, o rev. Fernandes de Castro, orador sagrado da grande nomeada, e quintanista tambem, rezou uma missa a que assistiram todos os seus condiscipulos e o corpo docente da Faculdade, tendo feito uma brilhantissima alocução em que explicou o alto significado da cerimonia religiosa que terminou pela benção das pastas.

Amanhã, no teatro de S. Carlos, realiza-se a recita de despedida. A revista intitulada, «Revista de Legislação e piris... demencia» é da autoria dos talentosos quintanistas Alfredo Ary dos Santos e Luiz Vaz de Sousa.

E' uma revista fantastica destinada a uma sucesso colossal. O primeiro quadro passa-se em Marte e vê-se a agitação produzida naquela planeta pela aproximação da Terra que ha pouco teve logar.

Ha um quadro fadista «rigoroso» em que se farão ouvir b... s vozes e ditos de espirito.

Tomam parte no espectaculo varios rapazes bem conecidos e estimados na nossa sociedade, havendo grande entusiasmo pela festa de amanhã.

* * *

A casa está quasi toda passada; a assistencia será selecta e distinta. E os poucos bilhetes que restam pódem ser procurados amanhã por todo o dia no Teatro de S. Carlos.

O "Diario de Lisboa" e o seu quarto aniversario

Conforme ontem anunciámos, o *Diario de Lisboa*, para comemorar o seu quarto aniversario, distribue, no dia 7 de abril, um bodo aos pobres seus protegidos, para o que conta com a generosidade dos seus leitores, assinantes e anunciantes.

A seguir, publicamos a lista da respectiva subscripção:

Diario de Lisboa..................	500$00
Companhia do Credito Predial....	500$00
Joaquim Ladislau Soares Marante (e um cheque de 48 milhões de marcos-papel).	5$00
1.º sargento Atipio José Esteves...	10$00
Alvaro Netto	20$00
	1 035$00

Joshua Benoliel

Agravaram-se os padecimentos do nosso muito prezado colega de imprensa, artista distinto e dedicado profissional, sr. Joshua Benoliel. Este nosso amigo, que tem sido tratado por varios medicos, professores e especialistas, sofre de uma infecção renal, com complicações, tendo ontem saído, em carromaca dos Voluntarios, para ser submetido a um tratamento especial, voltando depois a sua casa da rua Ivens. Apetecemos-lhe as melhoras, que certamente não se farão esperar.

A TARDE PARLAMENTAR

A proposta sobre fosforos começou a ser discutida na sessão de hoje

As dificuldades para arranjar numero aumentam dia a dia. Hoje, a chamada já começou 15 minutos depois da hora regimental. Dificilmente se arranjaram 40 até ás 15,30. O regimento voltou a ser esquecido. Devemos notar que o sr. Domingos Pereira não compareceu, no inicio dos trabalhos, por ter de assistir a um funeral. E' bom registar, em homenagem á justiça.

* * *

O sr. Joaquim Ribeiro, que apresentou ha muito uma nota de interpelação ao sr. ministro dos estrangeiros sôbre o caso Veiga Simões, estranhou que, até agora, essa interpelação não tivesse sido marcada. Como se trata de um assunto importante requereu que o assunto fôsse tratado hoje, em sessão nocturna.

Ficou para resolver quando houvesse numero.

* * *

O sr. Tavares de Carvalho tem a palavra Disse, no meio do reboliço da Camara:

—Cá estou eu, sr. presidente, no meu constante *mot d'ordre* contra a carestia da vida...

A Camara sorriu, e como o sr. Tavares de Carvalho visse que o sr. ministro da Agricultura só lá tinha a cadeira, ficou-se por ali, aguardando a presença do sr. Visconde de Pedralva.

Reclamações que surgem por causa das eleições:

O sr. Alberto Cruz reclama contra o preço do milho nas populações do norte, que não é harmonica com o estabelecido pelo ministerio da Agricultura. Quanto a estradas, tambem o sr. Alberto Cruz reclamou providensias para as do seu circulo.

* * *

Agora é o antigo ministro da Instrução, sr. Joaquim de Oliveira, que se revolta contra o procedimento do governador civil de Braga, que, no seu entender, não tem sido regular.

E tais casos apontou, que, a certa altura, com regosijo dos monarquicos, daclarou que, no antigo regime, nunca procedimento igual poderia ter sido permitido. Nunca se fez, acentuou, em tempo algum!

O caso, segundo percebemos, friza-se n'isto:

O governador civil de Braga, que é tambem presidente do Senado Municipal de Vila Verde, foi, n'esta qualidade, presidir a uma sessão.

Os senadores, achando irregular a posição do presidente, visto que era chefe do distrito, não quizeram assistir á sessão e abandonaram a sala.

Nova reunião foi convocada, e o governador civil que da primeira tinha sido posto em «cheque», mandou lá a guarda republicano que desfez a reunião.

Participado o acontecimento para as instancias superiores, o governador civil, conseguindo a falsificação de documentos, negou que tivesse presidido á reunião.

* * *

O sr. Joaquim de Oliveira que com o consentimento da Camara poude continuar a tratar destes casos de regedoria, ainda reclamou contra a anexação da escola primaria superior de Braga á Normal, porque essa anexação representa um prejuizo para o ensino, e contra um decreto que transferiu para a escola Normal de Braga, onde o lugar estava preenchido, o amanuense da escola primaria superior.

* * *

O sr. ministro do Interior inteirado do caso, disse que o governador civil de Braga, não pode ser ao mesmo tempo presidente do Senado de Vila Verde.

E após outras considerações, teve esta frase, que registamos:

—Não esqueço que a Acção Republicana dá o seu apoio ao governo, por isso mesmo, nunca podia dar instruções no sentido de serem perseguidas ou molestadas quaisquer pessoas, mas principalmente os republicanos filiados na Acção Republicana.

* * *

Quanto ás outras reclamações, o sr. ministro da Instrução prometeu anular o decreto de transferencia e providenciou sobre a anexação.

* * *

A ordem dos trabalhos, que costuma ser uma verdadeira desordem, prende agora a atenção dos srs. deputados. Formularam-se requerimentos, trocaram-se explicações e por fim veio a resolver-se isto: sessão noturna para hoje, com fosforos na primeira parte, e interpelação do ministro dos estrangeiros, na segunda, se houver tempo.

* * *

Prejudicada a interpelação do sr. Brito Camacho, por o ministro das Colonias se encontrar no Senado, discutiu-se na ordem do dia a proposta sobre os fosforos.

Falou em primeiro lugar o relator, sr. Torres Garcia, que, á hora a que escrevemos, continua o seu discurso.

Ultima hora

Somos informados de que uma grande multidão encheu hoje a Casa Vicente Rodrigues, da Rua da Prata, 127 e 131, a comprar pasta dentifrica Dalia, para obter as senhas que dão direito a receber um faqueiro de prata, uma estatueta candieiro e um relogio de parede.

O DESASTRE DE BARCARENA

Foi esta tarde trasladado para o Sindicato da Imprensa o corpo de Mario Graça

Hoje, pelas 16,30, realisou-se a trasladação do cadaver do desditoso jornalista Mario Graça, da casa mortuaria do hospital de S. José, para a séde do Sindicato dos Profissionais da Imprensa. O caixão, sahiu da casa mortuaria para o carro da Cruz Vermelha que o condusiu ao Sindicato, aos ombros de camaradas do falecido. O caixão foi coberto com a bandeira do Sindicato. Dentro do carro seguiram a sr.ª D. Ester Lopes de Mendonça, da familia do jornalista Mario Graça; Citka Duarte, aviador; Fausto Vilar, representante do Sindicato dos Profissionais da Imprensa; Rocha Junior, chefe da redacção do «Seculo»; representante do general Domingues; director da aeronautica e comandante dos Bombeiros Voluntarios, Carlos Moniz.

O carro da Cruz Vermelha era aguardado na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa por centenas de pessoas: jornalistas, aviadores, amigos e camaradas do falecido, representantes de varias colectividades, etc.

O caixão foi colocado numa eça, na sala das assembleias. Sobre a urna vê-se a bandeira do Sindicato e muitas flores naturais.

* * *

Desde hoje até á hora do enterro serão feitos os seguintes turnos:

Das 18 ás 19, dos jornais da tarde; 19 ás 20, oficiais aviadores; 20 ás 21, Redacção do «Domingo Ilustrado» e «Revista Portugal»; 21 ás 22, Associações de Imprensa; 22 ás 23, Liga de Beneficencia de Lisboa, e o representante do jornal «Rio Jornal»; 23 ás 24, oficiais aviadores; 0 á 1, Redacção dos jornais «Diario de Noticias», «Batalha» e «Voz Publica»; 1 ás 2, Direcção e Administração do «Seculo» e Redacção da «Gazeta dos Caminhos de Ferro»; 2 ás 3, «Epoca» e «Jornal do Comercio» 3 ás 4, «Reb...» e «Correio da Manhã»; 4 ás 5, «Novidades» e «Sports»; 5 ás 6, Pessoal do «Seculo», revisão; 6 ás 7, pessoal do «Seculo», tipografia; 7 ás 8, pessoal do «Seculo», impressão; 8 ás 9, pessoal do «Seculo», administração; 9 ás 10, correspondentes dos jornais estrangeiros; 10 ás 11, Representantes de Associações de Classe e Jornais do Porto; 11 ás 12, condiscipulos e amigos do falecido; 12 ás 13, Redacção do «Seculo»; 13 ás 14, Direcção do Sindicato; 14 ás 15, Entidades oficiais.

Em todos os turnos a aeronautica faz-se representar por um aviador. O enterro realiza-se amanhã pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da séde do Sindicato para o Alto de S. João.

Um almoço intimo

A revista «de Teatro» ofereceu hoje na «Garret» um almoço intimo aos escritores espanhoes Torres del Alamo e Enderiz, enviados da Sociedade de Autores visinhos.

Assistiram, alem dos homenageados, o poeta Teixeira de Pascoais, actores José Ricardo, Erico Braga, Gil Ferreira, Lino Ferreira, Eduardo Fernandes, Carlos Ferreira, Mario Duarte, Pereira de Carvalho o Garcia Perez, trocandodo-se sinceras frases de companheirismo peninsular.

Tenente de artilharia piloto-aviador José Carlos Pissarra

MISSA

A familia do tenente aviador José Carlos Pissarra manda rezar uma missa por sua alma ámanhã, ás 11 horas na igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira, convidando por este meio a assistirem ao piedoso acto as pessoas das suas relações e todos os dedicados camaradas do extinto.